

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA: LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO: CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



CASAS DE ARTISTAS — O GABINETE DE CECILE SOREL

(Foto Manuel Frère)

EXIGIR COM ESTE NÚMERO A FOLHA DE MOLDES

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid



D. Duarte Nuno de Bragança, actual pretendente à legitimidade dinástica

ECOS

REPOUSAM, enfim, em terra portuguesa, os ossos do maravilhoso poeta que foi António Feijó. Há uns anos ainda, poucos tinham lido os seus livros. Lembra-nos ouvir apregoar na Baixa, a tostão, o *Cancioneiro Chinês*, que andava aos tombos pelas mãos sujas dos camelots.

Feliz terra, a nossa, aonde é tão vulgar o talento que, livros da categoria do *Cancioneiro*, se vendem a tostão para acabar!

A propósito: não há para aí alguma rua nova a que se dê o nome de António Feijó (Poeta e diplomata)?

Os pardais de Lisboa também são às vezes atingidos pela crise de habitação. Há pouco tempo, vinda ninguém sabe de onde, instalou-se uma colónia nas árvores da praça D. Luís, até então ermas de habitantes. Qual será o sinal misterioso com que a providência marca as árvores para eles saberem que estão com escritos?

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



OS ASPIRADORES

Lux

LIMPAM
E DESINFECTAM
TODA A CASA

ELECTRO LUX L. DA

Praça dos Restauradores, 72
LISBOA

Avenida dos Aliados, 54
PORTO

AQUI PARA NÓS...

O ENCANTO DO MISTÉRIO

O H, minhas amigas, ignorar é a melhor das sciências. O que se sabe é uma estrada conhecida onde sabemos de cor todas as pedras e os choupos são familiares. Mas o que se não sabe! O mundo infinito que se ignora é uma folha branca, uma folha de papel virgem, onde pode caber uma epopeia, uma tragédia ou uma carta de amor.

Para além dos montes fica a Terra Prometida, para além das névoas a ilha das Sete Cidades, onde as rochas são de ouro fino e os calhaus dos enxurros esmeraldas de Golconda... E se alguém transpuser os montes e se alguém penetrar a neblina, há sempre mais longe outro monte e outra névoa e outra Terra Prometida e outra Ilha das Sete Cidades...

Não saber! Ignorar é ser dono do mistério; é quasi possuir o destino e viver adentro da Lenda uma vida de semi-Deus.

Eu gostava que me escrevessem sem eu saber quem traçava de longe os caracteres do enigma. Que me falassem sem me conhecerem, para que tudo que de mim dissessem, ainda que fosse verdade, tivesse, a meus olhos, o sabor dum futuro provável ou dum vaticínio.

Eu gostava de ouvir um cego falar do meu

rostro. Tenho a certeza que essa imagem criada por ele iria melhor com a minha voz e com o modo de ser da minha alma. Eu, inventada por um cego, era mais eu. Não haveria dissonâncias entre os meus olhos e as minhas frases, entre a marca do tempo nas minhas faces e a mocidade do meu coração...

Por isso, minhas amigas, eu quero bem ao mistério, a um pequenino mistério que se vem urdindo em volta da minha alma e que ninguém sonha, ninguém adivinha, ninguém presente na água quieta dos meus olhos claros. Eu própria não sei onde ele começa nem onde termina. Sei que existe, que se vai enredando numa renda de seda, aberta como um velário sobre o mundo exterior, escondendo-o e escondendo-me dele como ao anel do Doge no fundo da lagóia veneziana.

Sem o mistério, sem o encanto suavíssimo do ignorar a vida seria ainda mais árida que a vastidão dos desertos, porque nesses, ao menos, há o engano das miragens, engano de jardins que não existem, mistério de fontes que não correram nunca.

FRANCISCA DE AYRE.

LÁ POR FÓRA

A COSTURA NOS TRIBUNAIS

As principais revistas femininas de Londres chegaram esta semana dedicam inúmeras das suas colunas protestando mais uma vez contra a antiga lei inglesa, ainda actualmente em vigor, que obriga todas as cidadãs britânicas que sejam donas de casa, a fazerem parte dos juris dos tribunais.

A questão desta vez surgiu mais violenta do que nunca, devido a um dos juizes, presidente de uma audiência, ter energicamente chamado à ordem uma gentil jurada que persistia em continuar costurando indiferente à enfase de um advogado de acusação.

Com efeito, é vulgar muitas das juradas levarem consigo para os tribunais os seus trabalhos de costura, bordados, etc., a fim de não perderem totalmente o tempo gasto em atenderem ao decorrer de julgamentos quasi sempre monótonos e sem interesse para a sua curiosidade feminina.

Como defesa, a mísera vítima desse juiz furibundo, alegou, que de ordinário, as mulheres pensam, raciocinam e ouvem sempre muito melhor quando estão costurando em silêncio, do que olhando o tribunal de braços cruzados com ar estúpido como alguns dos membros do juri pertencentes ao sexo dito forte.

E concluindo afirmou que lei alguma existe na Gran-Bretanha que proíba a um jurado que não decorrer de uma audiência qualquer esteja bispontando os lenços de sua esposa.

Que diria a isto aquele conhecido maestro que ainda há pouco, numa das praças da linha de Cascais, recusou reger um concerto sinfónico porque as gentis banhistas pareciam prestar mais atenção aos seus bordados entre-mãos do que às dificuldades de uma partitura de Wagner?...



— Neste jardim há uma estátua que as meninas não podem ver.
— Qual é, mamã?
— Quando lá passarmos eu digo...



O sr. Vandervelde, primeiro ministro da Bélgica e sua esposa, recém-casados

VIDA ELEGANTE

FESTAS MUNDANAS. — Durante o inverno vão realizar-se nas esplêndidas salas da Assembleia da Foz do Douro, várias festas, que de certo serão o «clou» da estação e às quais concorrerá tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade do Porto e da Foz.

CASAMENTOS. — Com muita intimidade realizou-se na Casa de Sá, solar da família do noivo, o casamento da sr.^a D. Maria da Glória de Noronha e Távora e do distinto engenheiro de Obras Públicas sr. Manuel de Sá e Melo.

— Na capela da Casa da Fonte, aos Olivais, realizou-se com grande intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes da Câmara Viterbo, gentil filha da sr.^a D. Maria José Zarco da Câmara Viterbo e do sr. Fiel Viterbo, com o sr. Visconde de Valdemouros, filho do sr. dr. António Máximo Branco de Melo.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a Condessa de Avilez (D. Maria), para seu sobrinho, o sr. Fausto Acciaoli de Avilez Oliveira, filho da sr.^a D. Maria da Assunção da Fonseca Acciaoli de Avilez Oliveira e do sr. dr. Joaquim Alberto de Carvalho e Oliveira, a sr.^a D. Maria Julia de Brito e Cunha, interessante filha da sr.^a D. Margarida Baptista de Brito e Cunha e do sr. Alvaro de Brito e Cunha, devendo realizar-se a cerimónia por todo o próximo ano.

CHÁS DANÇANTES. — Revestiu extraordinário brilhantismo o segundo «chá dançante» realizado no domingo passado, nas vastas salas do Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril, ao qual concorreu tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, não só de Cascais e Estoril, como também de Lisboa, e das outras praças da linha de Cascais.

Além da animada conversação dançou-se com entusiasmo ao som do exímio sexteto «jazz-band» sob a direcção do distinto violinista Vieira Pinto.

Hoje, domingo, realiza-se o terceiro «chá», para o qual está já tomado grande número de mesas.

BAPTISADOS. — Na igreja matriz de Viana do Castelo, realizou-se o baptizado de uma filhinha da sr.^a D. Alice da Silva Lima Costa Brandão, e do sr. Mário Manuel da Costa Brandão, a qual recebeu o nome de Marieta, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Mariana da Conceição Cunha Cerqueira, e de padrinho, o sr. José Borges Soares Pinho.

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor	36\$00	70\$00	
Exemplares registados	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc. 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

MARAVILHOSO INVENTO

Os cabelos brancos retomam a sua primitiva cor natural com o uso do Insubstituível AZEITE VEGETAL A. S. O. Não mancha absolutamente nada, usando-se com as mãos como qualquer brilhantina. O uso deste acreditadíssimo AZEITE não é para tingir os cabelos em tal ou qual cor: é unicamente para restituir aos cabelos brancos a sua primitiva cor natural quer tenham sido loiros, castanhos ou pretos, evitando a calvície e eliminando a caspa. — Caixa 35\$00.

Sociedade de Productos Farmacêuticos, Limitada — Rua Jardim do Regedor, 21 — LISBOA ::



Entre as maravilhas do engenho humano, no que respeita ao aproveitamento das matérias inorgânicas em benefício do conforto material ou espiritual da vida, o vidro é, sem dúvida, a mais delicada e a que melhor se presta à realização das coisas

belas. Não quero referir-me, é claro, ao vidro vulgar, de incontestável utilidade prática; falo no vidro de Arte, que deslumbra os olhos e impressiona a sensibilidade, pela forma elegante,

VIDROS PORTUGUESES

que os da Boémia se notabilizaram por serem primorosamente gravados, lavrados, ou lapidados.

A Alemanha, a França e a Inglaterra, tiveram, também, artistas famosos, caracterizando-se os vidros alemães pela aplicação de esmaltes que representavam, na maior parte das vezes, braços de armas e assuntos guerreiros, e os franceses pela sua superioridade artística.

Conhe à Inglaterra a iniciativa do fabrico de cristais baratos, contribuindo, assim, para a sua vulgarização e tornando acessíveis aos menos bafejados da fortuna, esses maravilhosos objectos a que, até então, apenas os ricos podiam aspirar.

Em Portugal só há memória do aparecimento de fornos de vidro no século XVI e, ainda assim, não existem provas materiais que demonstrem ser este facto absolutamente verdadeiro. O que é certo, é que só nos fins do século XVII esta indústria começou a ter entre nós um certo desenvolvimento, que chegou a ser qualquer coisa de notável, mas que decaiu depois assustadoramente, podendo considerar-se morta até ainda há poucos anos.

Tudo isto, porém, é o que lá vai!

Para que tenhamos de entrar em detalhes sobre o grau de perfeição que a indústria do vidro atingiu no passado, ou sobre as características do seu fabrico nos diversos países?

Basta o presente para nos deslumbrar; direi mesmo: agora, como nunca, o vidro artístico atingiu uma beleza e magnificência, que lhe dão fôros de verdadeira preciosidade. E para isso, — digo-o com o orgulho e o enternecimento de quem apregoa um progresso real do seu país, — já não é preciso sair de Portugal!

* *

Longe do bulício das cidades, num recanto da província, alheios às lutas e ambições desmedidas que agitam o mundo nesta hora de vertigem, umas centenas de homens, trabalha-



dores humildes e anônimos, realizam dia dia, hora a hora, uma obra de beleza, perante a qual todos nós, portugueses, devemos curvar-nos com admiração.



GRÉCIA, MUSA DO OCIDENTE

A grande novidade literária, arauto propício da nova «season» livresca, é o livro novo de João de Barros, livro scintilante, maravilhoso, de João de Barros.

O poeta extraordinário do «Anteu», o nacionalista ardente e orientado que dirigiu a «Atlantida», juntou mais um belo mármore, mármore perfeito de galbo e de diafanidade, à sua belíssima galeria de escultor apaixonado da palavra escrita.

O novo livro de João de Barros, luminoso, elegante, dum classicismo que a forma máxima não atraiça, tão bela ela é, torna-se assim numa obra que deve ser preferida pelas senhoras de verdadeiro bom-gosto, de requintados primores de espírito.

Através as páginas deste belo livro corre

Refiro-me aos operários, — alguns verdadeiros artistas, — das fábricas da Marinha Grande, o mais importante centro da indústria vidreira em Portugal.

Não vai longe o tempo em que as suas obras-primas consistiam em jarras mais ou menos bojudas, de vidro fôco ou pessimamente colorido, com ramos berrantes de flores sem graça.

Como se uma fada poderosa e bemfazeja por ali passasse com a sua varinha mágica, tudo mudou, porém, quasi sem transição, o que prova as qualidades de trabalho e a excepcional intuição desses operários.

Hoje, produzem verdadeiras maravilhas de bom gosto e arte, que podem sofrer airoosamente, com vantagem, mesmo, o confronto com os melhores vidros e cristais estrangeiros, sejam de St. Lambert, de Boémia do Daum, ou Schneider.

Os vidros antigos ressurgem em cópias tão fieis, que não é possível differença-los dos que tornaram célebre a nossa indústria vidreira nos séculos XVIII e XIX, ao mesmo tempo que a arte moderna, equilibrada e duma sumptuosidade discreta, faz surgir dos fornos da Marinha Grande, as mais variadas peças, que rivalizam entre si na riqueza da cor, na elegância da forma e na beleza ornamental!

Diziam os antigos que o vidro é filho do



fogo. E, na realidade, ao olhar esses frágeis monumentos de bom gosto, — deixem-me chamar-lhes assim, — de linhas sóbrias, ou audaciosas, em que as diversas tonalidades se conjugam e esbatem, imitando marmores, evocando a cor de certas nuvens, quando o sol as doira e tinge de carmin nos poentes melancólicos do Outono, parecendo, outras, banhadas de luar, ou, ainda, perante a maravilha dum cristal lapidado, reluzente e purissimo, tem-se a impressão de que só a força misteriosa e eterna do fogo purificador, seria capaz de criar e dar forma a esses verdadeiras poemas de transparência, cor e proporções delicadas, que devem ter sido um sonho de artista, embora realizado por modestos artifices.

É certo que os objectos que nos cercam têm uma influencia directa na disposição do nosso espírito, muito principalmente quando são nossos companheiros de muitas horas, formando, por assim dizer, o ambiente em que decorre a nossa vida íntima, quer nas horas de trabalho, quer nos momentos de repouso e meditação.

Tudo o que é lindo nos alegra os olhos e faz bem à alma; onde estiver a beleza, aí se encontrará, também, uma fonte de prazeres espirituais.

Pois até sob este aspecto a reviviscência e aperfeiçoamento da velha arte portuguesa que as fábricas da Marinha Grande estão realizando, merece o nosso entusiasmo e a nossa gratidão.

Porque, a par de objectos riquíssimos que produzem: jarras, taças, boiões, *plafonniers*, ânforas, objectos de tucador, serviços de mesa, etc., que poderão brilhar no mais sumptuoso e requintado interior, apresentam também, peças formosíssimas, duma elegância perfeita, que serão nos lares modestos, uma nota



de arte e conforto, a tornar mais alegre, menos banal, o cenário monótono das existências humildes.

Todas as mulheres de Portugal, ricas ou pobres, poderão ter sobre a toalha de linho da sua mesa; junto do açafate da costura; na sala de visitas; ou, embelesando o cantinho preferido, onde se refugiam para ler, ou... sonhar copos elegantes, candieiros policromos, jarras duma graça escantadora, onde as flores ostentam melhor a sua frescura, espalhando pela casa, com o seu perfume, uma suave alegria de viver!

E assim, os vidros magníficos da Marinha Grande teem, além de tudo o mais, um grande poder educativo e não menos benéfica influencia, porque apuram o gosto, ensinam a conhecer e a apreciar o que é realmente belo, concorrendo, desta forma, para o aperfeiçoamento moral e artístico do nosso povo.

* *

A sobriedade do meu poder descritivo não é suficiente para transmitir a quem me lê, a impressão agradável, consoladora, mesmo, que se experimenta ao contemplar as maravilhas a que acabo de me referir e de que dão uma pávida idea as fotografias que reproduzimos.

Chamando, porém, a atenção dos meus compatriotas para o ressurgimento da arte do vidro entre nós, julgo prestar-lhes um serviço e, ao



mesmo tempo, satisfaço o meu orgulho de portuguesa, justamente envaidecida por esta afirmação de valor intelectual, artístico e criador, da gente da minha terra.

ROSA SILVESTRE.

(Modelos da Companhia Industrial Portuguesa)

(Clichés Assunção)



habitantes das margens do Nilo, a arte magnífica de lapidar, colorir, gravar e, até, moldar o vidro.

Constantino, o Grande, ao mudar a sede do Império Romano para o Oriente, levou consigo os operários mais hábeis desta arte, impedindo assim que ela acabasse por completo.

Ficaram célebres os vidros e cristais de Veneza, ornados de finas filigranas; ao passo



viro inteiro, de onde se exala um doce e suave perfume de flores antigas, esquecidas nas páginas dum devocionário de paixão.



DA GRAÇA

A Graça — é, segundo o sentido etimológico da palavra, uma gentil caridade a alguém dispensada: — deliciosa definição, tão evocadora quanto subtil.

A flôr, luminosa e delicada, não constitui, ela também, uma caridade que a Natureza dispensou ao nosso olhar? Pois dir-vos-hei agora, minhas amigas, que a Graça é como que a flôr do movimento, — porque os gestos de sentar, de erguer com graça o rosto, o de cumprimentar, o de beber graciosamente, são outras tantas flôres nascidas desses gestos quotidianos, para os quais certas mulheres possuem uma incomparável arte; e por isso elas nos parecem pertencer a alguma essência superior àquela de que faz parte o vulgo das mulheres.

A Graça... mas sabeis vós o que é? A Graça é a Diana da Corça, é a Vénus Urânia, é ainda a Vitória de Samotracia; a Graça é toda a estatua grega incarnando as três deusas filhas de Júpiter e de Juno, e a quem o velho Hesíodo classifica em três categorias: Eufrosina, a alegre; Aglaé, a brilhante; Tália, a florescente...

E poderíamos nós, acaso, falar da Graça, sem que à nossa mente logo surgisse toda a Hélada antiga, a Hélada repassada da clara alegria que o seu céu de puro azul sobre todas as coisas expande? A Hélada com suas danças, com suas pastorais, com todas as suas aspirações à Beleza real, cuja influência já mais deixou de se fazer sentir sobre as gerações vindas após, modificando-se apenas, segundo os estatutos de espírito e as flutuações do gosto...

A bem dizer, a Graça recebe, directa, a influência da Moda; sucessivamente ela foi mística e fria para os contemporâneos da Rainha Ana; foi pomposa depois, no tempo de Catarina de Médicis; voltou-se preciosa e almis-carada sob a influência da Pompadour, para afirmar-se livre, audaciosa, com o Directório e o Império francês.

Depois, melancólica e hesitante, veio a graça romântica donde nasceu a pérfida e trocista graça das mulheres do Segundo Império.

De 1885 a 1900 reinou a graça decadente e provocante, inspirada talvez nos quadros de Burne-Jones, e a quem comprazia dolentemente contemplar-se nos perversos contos do Jean Lorrain. Essa, emanava do Estetismo (?) causador de tantos descalabros, dando por vezes, também, alguns curiosos tipos, que ainda hoje se nos deparam, lá longe, lá longe, lá onde o mundo se acaba e a província principia...

E, principalmente, da admiração e da inteligência das obras primas da Arte, que nos veio esta necessidade de beleza física, de cultura das linhas, de harmonia do corpo, que nós procuramos para nós e ao redor de nós, porque, se bem que reconheçamos que, na maior parte dos casos, a graça é, num ser, inata, não é por isso menos verdade que em muitos outros casos ela forma o fruto duma educação esmerada, duma perfeita ciência.

Por vezes a diferença não chega a ser perceptível: isto constitui o maior elogio que nós possamos dispensar a essa ciência, antes de a ter estudado. Porque toda a mulher, se porventura se deixar guiar pelos conselhos que aqui lhe vamos propondo, progressivamente irá adquirindo a harmonia das atitudes, a linha do gesto e a flexibilidade do andar.

Adquire-se graça, em primeiro lugar, evitando a obesidade. Para tal, numerosos são os sistemas de ginástica, sem falar da cultura dos desportos de ar livre — os quais, fortalecendo o nosso organismo, contribuem à flexibilidade dos nossos membros. Todos estes exercícios, por si sós, não conseguem a graça; a sua utilidade, porém, é incontestável. São eles que preparam, que alumiam, por assim dizer, o caminho que nós devemos percorrer para alcançar o formoso templo de Amor onde a Graça se oculta.

Já aqui eu conversei convosco, minhas amigas, acerca da graça de atitude e do geito do andar. Este último assunto é, porém, tão importante na feminina elegância que me permitirei insistir nêlo, dando-vos, e para vósso bem, certos conselhos de grande utilidade.

Um dos pontos essenciais que, infelizmente,

DO LAR:

OS BONS LIVROS

O gosto pela leitura tem-se desenvolvido entre nós, duma forma notável, nestes últimos anos.

Hôje, a mulher portuguesa lê, talvez, mais do que o homem, e pode afirmar-se, sem receio de exagerar, que não existe um lar, embora modesto, onde não apareçam, cuidadosamente alinhados nas prateleiras da estante, ou dispersos sobre a mesinha da sala, alguns volumes de prosa e verso, a atestar as preferências literárias da sua dona.

Não é nosso intento estudar as causas do acentuado desenvolvimento intelectual da mulher, que faz parte, por assim dizer, da grande evolução feminina de *après-guerre*; é assunto para tratar com uma profundidade que o pouco espaço de que podemos dispor e a índole deste jornal não comportam. Limitamo-nos a apontar o facto e a a bordar sobre ele ligeiras considerações.

Não falando, é claro, nas obras de carácter científico ou técnico, nem tão pouco nos compêndios e tratados que são o pesadêlo da mocidade que frequenta escolas e liceus, os livros dividem-se em duas categorias: os que instruem e interessam apenas a eruditos e estudiosos, que pacientemente os folheiam no silêncio religioso dos seus gabinetes, e os que distraem o espírito e são ávidamente lidos a um cantinho do sofá, à beira-mar, no eléctrico, no comboio ou nas cobertas dos navios.

São estes últimos que mais agradam às mulheres, salvo as inevitáveis mas, neste caso, muito raras excepções.

Todos sabem, porque já os nossos avós o apregoavam, que um bom livro é um bom amigo.

Nada mais certo. Porém, desta amalgama de ideias, opiniões, teorias, disparates e audácias que se agitam desordenadamente no momento crítico que atravessamos, resulta uma tal confusão, que *bom* e *mau*, são palavras que vão perdendo o sentido, predominando duma forma assustadora, a curiosidade doentia que atrofia os cérebros e põe em risco a pureza das almas.

Exactamente por isso, é indispensável orientar com mais firmeza ainda os espíritos, para que se mantenham num equilíbrio saudável, incluindo-lhes princípios de sã moral e uma noção clara e sensata da Vida, que os impeça de

cair nos exagêros perigosos de erradas visões pseudo-modernistas.

As boas leituras, são, incontestavelmente, um factor importantíssimo para atingir este fim, e para êle chamamos a atenção das mulheres em geral, das mães e educadoras, em particular.

A escolha de livros que, principalmente as raparigas, podem e devem ler, é tarefa menos fácil do que se afigura à primeira vista. Há livros perfectos na forma, ricos de ideias, verdadeiras maravilhas literárias, que não devem, contudo, figurar numa estante feminina.

Succede, também, que certas obras necessitam, para ser devidamente compreendidas, de uma relativa cultura intelectual e desenvolvimento da inteligência da parte de quem as lê; outras focam aspectos de dár e miséria moral, que a maioria das mulheres, vivendo no santuário do seu lar, desconhece, felizmente, nada lucrando em as conhecer, embora através de descrições mais ou menos realistas.

Quere isto dizer que a mulher não deve ler e instruir-se? Não. Pelo contrário; hõje, como nunca, tem ela o dever de rasgar mais vastos horizontes para o seu espírito, cultivar a sua inteligência, não só para vencer as dificuldades crescentes da existência, como também para impôr-se como elemento primordial daquela harmonia feita de Beleza, Amor e Bondade, que resume o verdadeiro sentido da Vida e da felicidade possível na Terra.

A leitura passou a ser, para a mulher, quasi uma obrigação.

A questão está em que os livros que lê sejam o bom amigo a que os antigos se referiam.

Eis a razão porque, de futuro, as leitoras da Voga encontrarão neste cantinho alguns comentários sobre os livros que fõrem aparecendo, assim como a indicação de outros já publicados que mereçam a nossa atenção e possam ser abertamente recomendados.

Se fõsse possível conseguir que em Portugal todas as mulheres e raparigas *soubessem ler* e tivessem a sua biblioteca escolhida com um sã critério, não tardaria a fazer-se sentir a sua acção benéfica e educadora, contribuindo assim, duma forma poderosa, senão decisiva, para dignificar e elevar o nível intelectual e moral da nossa decadente sociedade.

ROSA SILVESTRE.



ALMOÇO

Ovos batidos em molho de tomate
Cenouras com manteiga
«Flan» de leite

OVOS BATIDOS EM MOLHO DE TOMATE

Escaldam-se em água quente alguns tomates para se lhes tirar a pele, tiram-se-lhes também as pevides, depois do que se esmagam e põem-se numa caçarola com azeite ou manteiga, um dente de alho esmagado, sal, pouca pimenta moída e um molho de coentros, salsa e cenouras pequenas, tudo bem atado. Frege-se durante um quarto de hora, depois tira-se o atado, e deitam-se os ovos, previamente muito bem batidos, com sal; mexe-se tudo com uma colher e, quando os ovos coalharem, servem-se.

CENOURAS COM MANTEIGA

Escolhem-se cenouras de tamanho mediano, limpam-se, raspam-se, cortam-se-lhes as extremidades e, seguidamente, cosem-se em água e sal. Depois tiram-se do lume, cortam-se em metades ao comprido e cada metade em talhadas transversais, que se deitam numa caçarola com manteiga, sal e pimenta, mexendo levemente com uma colher, enquanto se fregem, para que se não peguem ao fundo ou às paredes da caçarola; pouco depois deitam-se-lhe umas pitadas de farinha e duas colheres de caldo ou de água quente e, minutos antes de tirar do lume, polvilham-se com canela e regam-se com sumo de limão, mexendo ainda com a colher, e ficando então prontas para servir à mesa.

«FLAN» DE LEITE

Deitam-se numa caçarola um litro de leite, dez gemas de ovos frescos, cento e oitenta gramas de açúcar branco, uma casca de limão cortada em pedacinhos e um pausinho de boa canela; leva-se a um lume brando e aquece-se, mas sem deixar ferver, mexendo sempre com uma colher de pau. Tira-se do lume, deixa-se resfriar um pouco e cõa-se por um tamiz ou sedajo.

Aparte, queimam-se umas quinze gramas de açúcar e deitam-se no fundo duma forma ou duma tijela, na qual se põe a referida mistura depois de coada. Mete-se a forma ou a tijela em um banho-maria, de modo, porém, que o nível da água própria do banho-maria seja superior ao nível do conteúdo da forma ou tijela cerca de três centímetros. Tapa-se bem a forma e igualmente o banho-maria, deixando aberto em ambos, um orifício apenas, por onde possam sair os vapores do leite e do banho-maria, durante a cosedura. Convém ainda pôr sobre a tampa da forma algumas brazas, para que a cocção se faça mas uniformemente. Posto tudo em lume brando, deixa-se coser durante poucos minutos, tendo o cuidado de experimentar a cada momento se o «flan» está em ponto, para o que se lhe introduz no centro uma palha: se esta sair bem enxuta, é sinal de que o «flan» está pronto. Tira-se imediatamente do lume, deixa-se resfriar e deita-se numa travessa.

Este «flan» exige grande cuidado na sua execução, mas é muito substancial e agradável ao paladar.

MERENDA BEIROÁ

Espalhe-se uma camada de mel (de confiança que não tenha detrictos de cera nem tenha sido aquecido) sobre fatias de pão. Lavem-se bem algumas folhas de agrião que se colocam sobre o mel, cobrindo com outra fatia.



ELA — Sempre deitado, Jorge! Isso faz-le mal...

ELE — Estou preparando a minha conferência sobre a Preguiça das Mulheres.

o nosso espírito já mais pondéra, é o pé, é o calçado determinando o bom ou o mau pisar, a base estável ou instável. Para que o corpo guarde, conserve, o seu equilíbrio — primeiro princípio da graça, — é preciso, é indispensável que êle tenha uma base; essa base é o pé, proporcionado ao corpo. Portanto, e ainda que os gestos de seus braços e da sua cabeça fiquem formosos, uma mulher nunca será graciosa se acaso estiver empoleirada nuns tãcos exagerados.

Citar-vos-hei, minhas amigas, o exemplo de Madame Charles Max, — uma das mais harmoniosas beldades da nossa época, — e que

não usa outro calçado a não ser a sandália grêga, sem tãcos. Escusais perguntar porque razão é tão cadenciado e flexível o seu andar, porque motivo o seu pisar é tão gracioso, e qual a causa misteriosa que assim para ela atrai o vosso olhar, quando ela passa... É que — ela, sabe andar.

Portanto, aprendei, vós também, a pisar bem como se deve.

Em nossa próxima conversa, eu vos direi, minhas amigas, o que heis-de fazer para, plenamente, o conseguirdes.

MARIA TEREZA.

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO

DEPOSITO — RUA IVENS, 30

Ayuntamiento de Madrid

VESTIR

CALÇAR



mando bico, são debruados a tule negro. A saia desce muito atrás, e o decote é também acentuado por um debrum de tule negro.

Quanto aos decotes de fantasia, há-os de várias formas: Ou levemente *drapés*, e passando por uma *barrette*, ou debruados a peles. Sobre um vestido de veludo fica bem, para o pescoço, um remate de linhas singelas: uma

pele, com uma gravata de caudas de arminho. Encantadora ideia é a do espelho formando gola: o *panneau* de forma arredondada, à frente laça como se fôsse um lenço lançado ao pescoço.

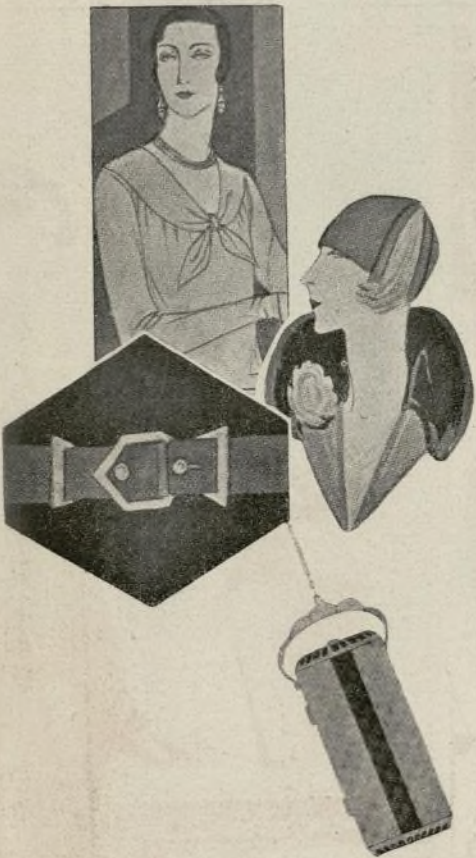
Passêmos, agora, aos cintos. Eis um de camurça bege passando por anéis de metal dourado. Outro: Sobre um cinto de cabedal cas-



Da cabeça aos pés, não há pormenor da *toilette* feminina que possa ser desleixado.

Ora, para auxiliar as nossas queridas leitoras na selecção desses pequenos pormenores, é que lhes oferecemos hoje, nesta página, uma colecção de escolhidos modelos, desde o sapato até ao chapéu.

Neste, reaparece agora, freqüentemente, o

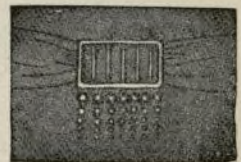
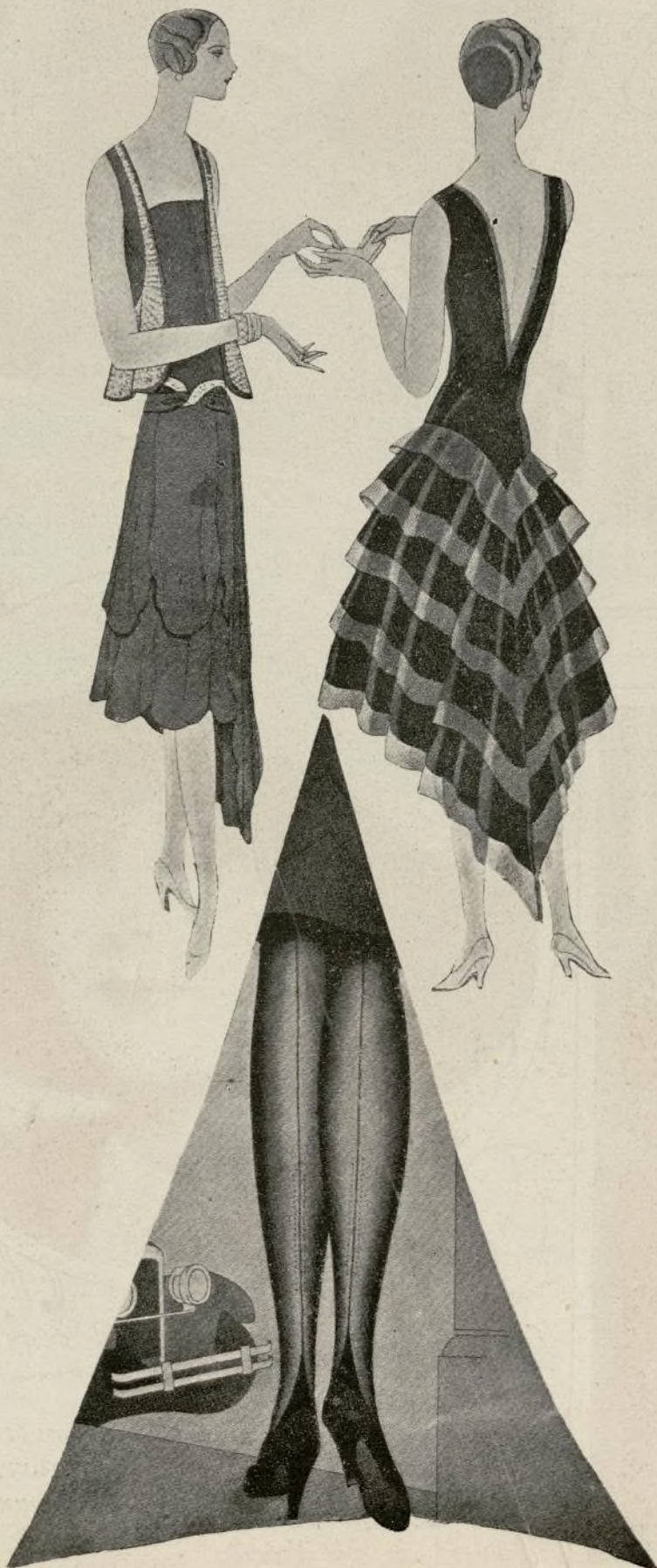


vêu, mas sómente até meio rosto. Na figura que ilustra esta página, o chapéu é em *taupé* negro, e o vêu de Chantilly. A orla dêste é irregular, e, sendo guarnecida a contas de ouro, mais interessante fica.

Nos vestidos, certas fantasias surgem, discretamente. Por exemplo, sobre um vestido de crêpe negro, dois *panneaux* soltos, de comprimento desigual dão um ar de graça encantadora a todo o conjunto.

Outra fantasia consiste em um bolerosinho cuja roda afaste à vontade à frente e atrás. Pôde ser bordado a contas de prata e usa-se com saia de crêpe da China preto, mais comprida dum dos lados.

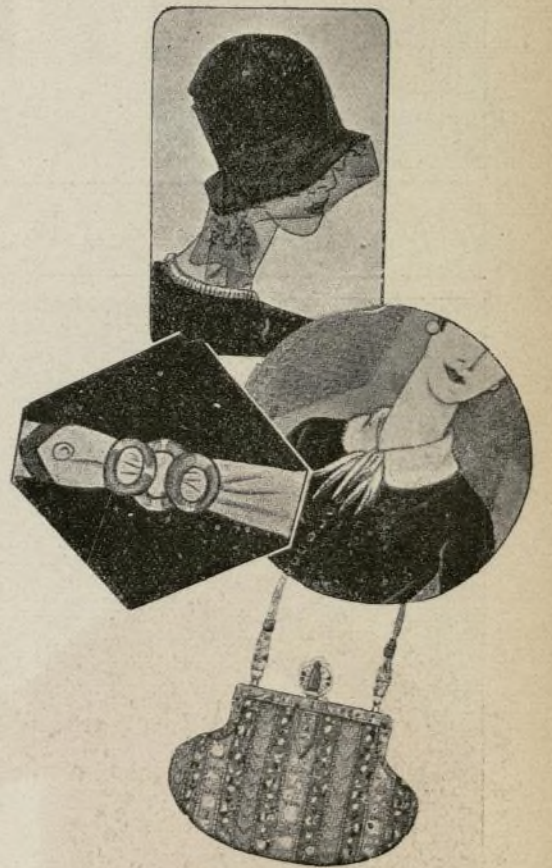
O vestido chamado de *estilo* transforma-se por vezes. No nosso desenho a parte de cima desenha um tanto o busto, e os folhos, for-



tanho, três fivelas de prata. Outro ainda e mais fantasista: Um cinto com franja feita de contas de metal.

Muito se usam este inverno os colares de *strass* para *toilettes* de noite. Uns teem o feitiço duma cobra e são em metal dourado; outros avivados de pedras falsas. Nesta página damos um exemplo desta moda.

E, como último pormenor da feminina *toi-*



lette, eis dois modelos de mala e saquinho de mão. Nem só a pele de serpente está em voga: Um delicioso capricho de mulher lembrou-se, nestes tempos de modernismo agudo, de inventar este pequeno estôjo de jade azul que uma barra de onix atravessa. Tão formoso saquinho — igual a uma jóia — serve para guardar, dum lado as perfumadas cigarrilhas do Oriente; e do outro as caixinhas de pó de arroz e de *rouge*, sem as quais uma mulher não seria bela assás. E, na outra extremidade da fina cadeiasinha, coloca-se o *bâton de rouge* para os lábios.

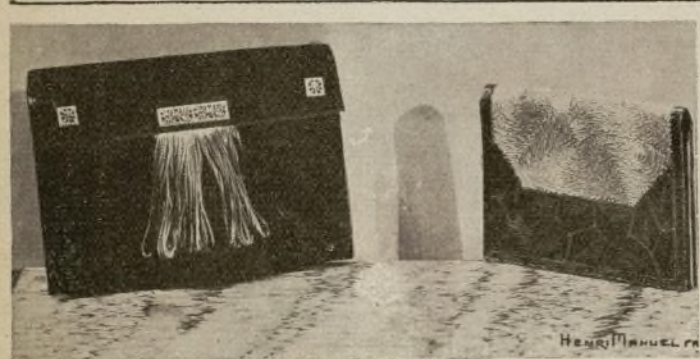
A Moda requinta-se nos pequeninos detalhes. E estes conseguem ser, por vezes, maravilhas de bom-gosto.

FINETTE.



Chapéu em feltro amarelo
Couture Suzy

orna-se a Moda cada vez mais interessante. As suas últimas criações realçam verdadeiras obras primas de arte, de riqueza, de bom gosto e fantasia. Os vestidos de noite opulentamente bordados



Modelos Silberstein



ELEGANCIAS

Vestido crepe
chêne preto e
necido com
las no mesmo



Toque de feltro
beige pompons aos lados
Foto H. Manuel



Cabeline em feltro bege com fita de crepe georgette
em tons esbatidos Foto H. Manuel

Vestido em georgette
"ecaille", guarnecido de
rosaceas e bandas de se-
lin Foto H. Manuel

Um casaco em veludo
"dernier cri" da estação
Foto H. Manuel



Chapéu em serpente be-
ge e branco



Modelo Hobrolt
Foto H. Manuel



Vestido em crepe romain
brique Foto H. Manuel



Chapéu em feltro
amarelo com fitela em aga-
tha Foto H. Manuel

a finissimas pérolas brancas ou de cor,
dispostas em fileiras maravilhosas.
Os chapéus são: ou de veludo com abas le-
vemente encurvadas e cuja copa urras a
plicação de flores (de veludo também) que
arrecem; ou então de feltro, ornamentan-
do-se com um laço muito singelo, ou uma
aplicação de strass (O strass está muito
em voga). Há também, para os felhos, o
gênero atitudes que se usa imenso.
E a mais e mais, a Moda nos vem ma-
nifestando com as suas formosas
invenções...

Maria Lúcia

Vestido em georgette rosa palida
guarnecido de pétalas e perolas
de prata Foto H. Manuel

POETAS...

VERSOS DE ANTÓNIO FEIJÓ

PRIMEIRO AMOR

No maravilhoso mês de Maio...

H. HEINE.

Foi no maravilhoso mês de Maio
Que o amor em mim desabrochou...
— Tempo de trovoadas, tal um raio
Que me colheu e fulminou!

Foi nesse mês de fadas, em que tudo
Do sono hiemal despertou e brota,
Que o amor em mim rompeu, todo veludo,
De certa prima, já remota...

Já remota, mas linda! E o parentesco,
Junto ao candor de collegial,
Dava um ar de peccado romanesco
À iniciação sentimental.

Ah, que adorável prima! e quanto devo
Ao seu saber precoce e fino!
Mas que amarguras me causou, no enlevo
Do meu primeiro desatino!

Tudo me revelou, mesmo a Poesia:
Amor sujeito a incertos fados,
Primeira dor e primeira ironia
— Versos que eu fiz... todos errados!

Por fim... por fim tratou-me; e todo o mimo
Do seu amor de... lecionista,
Foi consagrado, oh dor! a um outro primo,
Fidalgo em larva de fadista.

E depois disso, oh mal nunca pensado!
Nas minhas barbas, noite e dia,
Ele com Ela guitarreava o fado,
E até às vezes o batia!

Eu, porém, — pobre e misero noviço! —
Via esse quadro dissolvente,
E como pressa d'infernal feitiço,
Eu aplaudia... de contente!

Mas quando despertei do horrendo engano,
Como uma nau, perdida a amarra,
Largando o coração a todo o pano,
Fugi... levando-lhe a guitarra!

Conservo-a desde então, sempre guardada,
Como o instrumento do meu crime...
Mas dela às vezes rompo uma toada
— Velha ilusão... fado sublime!

Foi este o meu primeiro amor... foi este!
O amor que em mim, no mês de Maio
Broto, — ingênua graça ou dom celeste, —
Não como flôr, mas como raio...

(Das «Novas Bailatas»)

DESENHO E PINTURA

ARTE APLICADA E LAVORES

Recebem-se encomendas e dão-se lições

R. Maria Pia, 258, 1.º (a Campo d'Ourique)

IDEAL

Onde moras? Onde moras?

Se adivinhasse onde moras,
— Em frente da tua porta,
Olhando a tua janela,
Veria passar as horas,
As minhas últimas horas.
Sem ti a vida que importa?
A vida, nem penso nela...
Veria passar as horas
As minhas últimas horas,
Em frente da tua porta,
Olhando a tua janela...

Onde moras? Onde moras?

É num castelo roqueiro?

Se é num castelo roqueiro,
Erguido na penedia,
Sobre o rochedo mais alto
A beira-mar sobranceiro,
Com a minha fantasia
Irei tomá-lo d'assalto,
Esse castelo roqueiro,
Erguido na penedia,
Sobre o rochedo mais alto,
A beira-mar sobranceiro...

É nos abismos do mar?

Se é nos abismos do mar,
Sob a murmura corrente,
No teu leito d'amaranto
Irei também descansar,
Ficando perpetuamente
Naquela perpétuo encanto
Do rei Hårald Horfagar...
No teu leito d'amaranto
Irei também descansar,
Naquela perpétuo encanto
Do Rei Hårald Horfagar.

É numa estrela, ilha d'ouro?

Se é numa estrela, ilha d'ouro,
— A Via-láctea é uma ponte,
Subirei por ela ao céu...
Para achar o meu tesouro
Não há remoto horizonte,
Nem Sagitário ou Perseu...

Onde moras? Onde moras?

Se adivinhasse onde moras,
— Em frente da tua porta,
Olhando a tua janela,
Veria passar as horas,
As minhas últimas horas.
Sem ti a vida que importa?
A vida, nem penso nela...
Veria passar as horas,
As minhas últimas horas,
Em frente da tua porta,
Olhando a tua janela
Numa extasiada emoção.
Dize-me pois onde moras,
Se porventura não moras
Dentro do meu coração...

(Das «Novas Bailatas»)

O MONOGRAMA

CONTO INÉDITO DE FRANCISCA DE AYRE

O director tinha dito: «Amanhã é quinta-feira; não esqueça o conto para alegrar o jornal...»

Eu matutava, procurava um assunto qualquer e... nada. A cabeça negava-se.

— Um continho leve, Dona Francisca... dizia o Simões lá do seu canto. Um continho de amor...

Os outros trocavam o Simões e alguém recitava preciosamente o verso da Ceia:

Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora...

O Simões ainda lembrou:
— O Pardalito é que devia contar-nos a vida. Dava uma novela, com certeza...

Pardalito era uma colega nossa, viva, delgadinha, inteligente, mas tão calada, tão coisa do seu mundo interior que ninguém poderia afirmar se ela conhecia o bê-à-bá da Vida ou se era absolutamente analfabeta no abecedário do coração.

Pardalito não respondeu ao alvitre do Simões.

Fitou-o, sorriu e continuou desenhando umas letras complicadas.

Eu sismava... sismava.

Pardalito, mais curva sobre o estirador, punha cuidados exagerados na composição do desenho. Pardalito devia estar criando uma pequenina maravilha.

Então o Simões, para não deixar morrer a conversa, falou de si... Talvez servisse para o conto, dizia ele.

Contou o caso dos seus primeiros amores. Os primeiros amores do Simões...

História complicada como tudo o que era dele.

Aquilo tinha sido uma tragédia. Um amor contrariado. A rapariga tinha dinheiro; o pai não queria derriços. Tinha havido cartas anónimas, pastilhas de sublimado, sombras de vultos hostis em azinlagas fundas, ali para os lados da Penha de França... Coisas do diabo! Coisas do Simões, que era pequenino e tísico.

Ja a história em meio, quando entrou a Dona Constança, a telefonista...

— Vá! Ela que dissesse alguma coisa, que desse a deixa para a novela...

Negou-se. Tinha casado aos dezesseis anos com o Freitas da botica, mas já se não lembrava como tinha sido.

Instamos com ela. Que dissesse, que dissesse! O primeiro amor lembra sempre...

Então Dona Constança repetiu duas ou três vezes a mesma frase: — Estou muito esquecida, sabem, muito esquecida!... Olhem, para lhes dizer a verdade, eu nunca tive amor nenhum. Aquilo com o Freitas não era amor, era assim um costume... E já me não lembro, acreditem, já me não lembro... Calculem, ele já morreu há dois anos!

Eu tressuava. Tinha de escrever o conto...

O caso do Simões não dava nada em prosa, sem os gestos dele. De Pardalito não havia nada a esperar.

Dona Constança não se lembrava... Só havia uma esperança: O Caldeira, reporter elegante, que acabava de chegar.

Todos à uma lhe pedimos que dissesse para ali a vida toda. Era preciso a história duma vida para o jornal não sair manco de literatura.

— Vocês sabem como eu sou. Nunca cheguei ao primeiro acto duma peça. Nunca apanhei o comboio da meia noite e vou para casa de eléctrico tendo passe de borla até Cascais!

«Eu podia lá ter um primeiro amor! Comecei pelo segundo. Perdi o primeiro como perco o

comboio. Talvez ele fôsse dentro. Oh rapazes, de mim não leva a Dona Francisca assunto para dois quartos de prosa.

As horas corriam. O jornal devia estar fechado às quatro horas. Eram três e vinte.

Que faria eu? Sair para caçar um assunto? Ir pelas ruas em cata do imprevisito? Inventar um romance ao primeiro borracho encontrado na primeira esquina?

E se o Imprevisto estivesse constipado? Se nessa noite noite todos os borrachos guardassem o preceito da abstinência?

Meu Deus! Como iria ser aquilo! O jornal de quinta-feira sem a novela do costume...

A redacção ia fechar.

O Simões deixou o artigo, deu as boas noites e saiu. A Dona Constança foi atender uma chamada da rede. O Caldeira tinha ido ver a saída do baile da Legação.

Que espiga! Desesperada de encontrar assunto fui vestir o casaco e pôr o chapéu. Coração ao largo! O jornal que saísse sem novela! Eram horas de ir para a cama.

Para lhe dar um beijo de despedida, cheguei à mesa do Pardalito.

Pardalito levantou o lapis, olhou-me bem nos olhos e disse-me:

— Querias então saber a minha vida para a contares no jornal?

Respondi que não. Querias apenas um assunto, um fiozinho de romance para alegrar a página, como dizia o director...

Pardalito acabou de traçar a curva duma letra e disse-me tornando a fitar-me nos olhos:

— Olha, enquanto vocês falavam eu escrevia nesta folha, num cantinho desta folha, toda a história da minha vida. Lê...

Olhei, na folha havia apenas um monograma. Duas letras muito simples enlaçadas.

— Então a tua vida é isto? Um O e um S?

— É, sim, tu é que leste mal, não OS é SO... Percebes? Já vês que há vidas tão simples que se escrevem com duas letras... São as mais tristes, acredita, e a minha é dessas...

FRANCISCA DE AYRE.

B

BERTRAND-IRMAOS. L^{da}

FOTOGRAVADORES

TEL. T. 96

T. DA CONDESSA DO RIO 27

LISBOA

A MODA NAS CORRIDAS DE LONGCHAMPS



PALMIRA BASTOS

PALMIRA Bastos esteve em férias. Borboleteou pelo palco alcatifado de São Carlos, esteve a sua realza nas «festas de verão» da Curia, andou de terra em terra, de praia em praia, a gargantear tonadillas, a sublimar graças esquisitas de versos de tempos idos, a



segredar os mistérios dos nossos poetas de agora. Acompanhou-a nesse veraneio de artista, Jaime Silva, um nome que desponta para a glória.

O pianista voltou ao Conservatório. Palmira Bastos regressou ao trabalho, no seu querido Ginásio, desta vez pelo braço de Alexandre de Azevedo, que soube preparar-lhe o encadrement que a sua arte requiere e que a sua gentileza fidalga exige, num sorriso permanente...

BINÓCULO

Frases, alcunhas que ficam... José Ricardo lançou no «Homem das Mangas» o dito, que andou na boca de toda a Lisboa, anos seguidos:

«Fala-me logo à saída...» «Talvez te escreva!...» «O outro que passou da ribalta para a plateia, da plateia para a rua. «Seu Figueiredo» da «Capital Federal» definiu para sempre um indivíduo muito conhecido, que tinha vários nomes.

Agora, Hortense Luz impôs, com a autoridade do seu nome cheio de prestígio, com o flandante da sua criação, um novo personagem: «Grão de Bico». Esta alcunha está a alastrar por todas as mercearias. Já poucos marcanos haverá nos bairros pobres de Lisboa que não sejam designados por «Grão de Bico».

Se a onda engrossa, Madame Hortense Luz está muito arriscada... Os marcanos são muito apazados de lhe dar uma patada.

É que ninguém gosta de alcunhas...

Velho hábito em teatro, o de se apreciar o artista que, por qualquer motivo, saiu da companhia, exagerando os méritos do que entrou. Se se trata de uma substituição à última hora, por muito mal que o artista satisfaça o papel, é sabido que ao descer o pano se apresentam no camarim, colegas e empresários:

— Um abraço! Mil parabéns! É a primeira vez que o papel aparece!

— Se V. soubesse como Fulano fazia isto!... Um desastre!

Dai a pouco tempo, o artista que foi recebido de braços abertos cai no desagrado da empresa e, conseqüentemente, dos colegas.

Nova substituição.

É a mesma cena se repete:

— Um abraço! Mil parabéns! É a primeira vez que o papel aparece!

— Se V. soubesse como Fulano fazia isto!... Um desastre!...

AU RENARD ARGENTÉ

PELES DE ABAFO
EM TODOS OS GENEROS

Confeccões, Transformações e Concertos
Corte rigoroso e perfeito acabamento

R. DE S. NICOLAU, 13, 3.º
Telefone: Central 3915

OS MAIS LINDOS OLHOS
DA SCENA PORTUGUESA

QUEM OS POSSUE?

Apuração dos votos recebidos até à hora da «Voga» entrar na máquina:

Auzenda de Oliveira.....	3754	votos
Ilda Stichini.....	3676	»
Hortense Luz.....	2950	»
Palmira Bastos.....	2922	»
Laura Costa.....	2849	»
Elisa de Guisette.....	1722	»
Beatriz de Almeida.....	1501	»
Lucilia Simões.....	1347	»
Leonor de Bça.....	1285	»
Adelina Fernandes.....	1009	»
Margarida Ferreira.....	968	»
Maria Isabel.....	932	»
Aldina de Sousa.....	832	»
Josefina Silva.....	754	»
Adelina Campos.....	738	»
Alice Ogando.....	704	»
Maria Helena.....	666	»
Carmina Pereira.....	613	»
Branca Riquetti.....	603	»
Maria Clementina.....	599	»
Rosalina Sayal.....	594	»
Maria Alvarez.....	517	»

Ester Leão.....	485	votos
Zulmira Vargas.....	462	»
Emilia de Oliveira.....	391	»
Filomena Lima.....	259	»
Brunilde Judice.....	218	»
Berta de Bivar.....	176	»
Celeste Leitão.....	155	»
Elisa Santos.....	132	»
Deolinda de Macedo.....	124	»
Maria Matos.....	38	»
Maria Laura.....	26	»

Para maior facilidade de verificação, pedimos às nossas Ex.^{mas} leitoras o favor de enviarem os seus votos, utilizando-se do nosso coupon e de conformidade com o endereço que se segue:

Concurso dos Olhos

“VOGA”

Rua Anchieta, 25 — Lisboa

COUPON

Os mais lindos olhos da Scena Portuguesa são os da actriz:

(Assinatura)

INCONFIDÊNCIAS

É PRECISO VIVER... Sobre um «suelto» aqui publicado com este título, recebemos uma carta do nosso ex.^{mo} camarada sr. José Sarmento, em que, sentindo-se aludido no referido «suelto», nega absolutamente as várias asserções que julga terem-lhe sido feitas.

Voga que não é um jornal de polémicas nem de ataques seja a quem for, nomeadamente aquelas pessoas a quem, como José Sarmento, tributamos estima e consideração, indagou do seu redactor teatral sr. Carlos Abreu a verdade sobre o assunto. O mesmo jornalista autoriza-nos a declarar que não é José Sarmento a pessoa visada no respectivo «suelto». Por isso não inserimos a carta daquele nosso estimado amigo, lamentando que ele se tivesse sentido atingido nas nossas colunas frívolas.

É MMA GRAMMATICA VEM FINALMENTE a Lisboa, contratada pela empresa A. Ramos, Ltd.^a. Entre as obras de vulto que se anunciam, conta-se «Santa Joana», do grande Bernard Shaw, e que, já por duas vezes, esteve para nos ser revelada, por Ludmila Pitoëff e por Ilda Stichini.

A par da «Casa da Boneca», de Ibsen, em que Grammatica é prodigiosa de verdade e de gentileza, devia dar-nos no palco do São Luís, a «Locandiera», de Goldoni, outra interpretação que tão bem define a sua maleabilidade.

É uma pena que a empresa A. Ramos não tenha pensado na deliciosa comédia goldoniana, em vez da «Magda», por exemplo, já tão nossa conhecida e que não se adapta tanto como a outra peça ao temperamento e à estatura de Grammatica.

ERMETTE NOVELLI E ZACCONI encontraram-se há anos no Rio de Janeiro. O primeiro ocupava com a sua companhia o Lírico. O segundo, o Teatro Municipal. O público e a crítica alternavam, aplaudindo com igual calor os dois grandes artistas.

Uma tarde, na Pensão Suíça, onde se hospedava Novelli, um espirituoso lembrou-se, ao jantar, de desviar a conversa para os espectáculos de Zacconi. Novelli referiu-se ao rival nos termos mais elogiosos.

Mas o espirituoso não se deu por satisfeito. Quiz ir além. E perguntou ao velho artista, com a maior sem-cerimónia:

«Como é crível que sendo o senhor o maior actor do mundo, se atreva Ermette Zacconi a dizer em público que é ele quem tem direito a esse título?»

Novelli respondeu, sereno: «Zacconi poderá ser o maior actor do mundo. Eu contento-me em ser o maior actor da Itália...»

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

SOCIEDADE ANONIMA RESPONSABILIDADE LIMITADA

Prémio de honra, Medalha de ouro, Medalha de prata e Menção honrosa nas exposições regionais das Caldas da Rainha, Torres Vedras, Santarém e Internacional do Rio de Janeiro

FÁBRICA DA PÓVOA DE SANTA IRIA

Superfosfato de calcio, Adubos compostos, Ácido sulfurico e cloridrico
TINTAS: Vermelho fino e Roxo-rei
Sulfatos de sódio e ferro, Óxido de Ferro e Bióxido de Manganéz (para a Indústria Vidreira)

FABRICA DA MARINHA | EXPLORAÇÕES MINEIRAS
GRANDE de Vidros e Cristais | em Obidos, Leiria e Pombal

Mostruário de vidros e cristais, na Sede:
LARGO D. JOÃO DA CAMARA, 11, 3.º — Telefone: Norte 5762

MADAME GROZA VESCO

É a actual detentora do cubiçado sceptro da elegância parisiense. Coisa curiosa: para escarmento das genuínas mulheres de «Paname» é quasi sempre uma estrangeira quem se torna, aclimatada que esteja àquele ambiente, a mais parisiense das parisienses. Madame



Groza Vesco, dalmata, literata e sobretudo mulher formosa, foi escolhida, entre milhares de candidatas, para a protagonista de «Jalma la double», o grande filme francês. Daí lhe veio a celebridade... talvez efémera, mas o incontestável triunfo da sua beleza e da sua elegância nos domínios da Moda.

V. EX.^a DEVE BEBER
O DELICIOSO
ORANGE-CRUSH

LARANJA, LIMÃO
OU LIMA



Recomendado
por
Sumidades
Medicas
por conter
Vitaminas

Bebida
Ideal
para
Senhoras
e
Crianças

PEDIDOS PELO
TELEFONE
Norte 1898

DEPOSITO:
R. Pinheiro
Chagas, 34

LISBOA
NORTE

A' venda nas
principais Pas-
telarias e Lei-
tarias

GRAFOLOGIA

N.º 80 — *Ladina* — Ordem, método e pontualidade. Tendências a exercer a sua actividade no sentido profissional e prático.

Juta compreensão do seu valor intelectual e das suas faculdades de trabalho.

Energia e actividade absolutamente masculinas.

N.º 81 — *Rosita* — Bondade, franqueza e afabilidade.

Reacção contra um estado depressivo, fé e fatalismo aliado a uma vontade forte mas de difícil irradiação.

N.º 82 — *A. Maria* — Precipitação, actividade e energia vital. Espírito lógico sabendo valorizar-se e defender-se das contingências da sorte. Temperamento irritável e às vezes impulsivo mas incapaz de uma vilania.

N.º 83 — *Devota de Santo António* — Afabilidade e credulidade por vezes exagerada. Bon-

dade natural e sincera. Economia, ponderação e sociabilidade.

N.º 84 — *Amora* — Compreensão inteligente das suas atitudes, exterioridade e apresentação social.

Harmonia e equilíbrio geral de faculdades e instintos.

Temperamento com tendências um pouco materiais que a sua situação social e idade poderão desculpar.

N.º 85 — *Rainha* — Espírito impressionista e sentimentalista procurando reprimir as suas emoções, por vezes bastante fortes.

Depressão e fadiga ocasional, talvez resultante do seu estado de saúde.

N.º 86 — *Gana* — Assimilação fácil aproveitando cautelosa o que convém à sua exterioridade cuidada e um pouco afectada.

Razão lenta, copiando sempre as atitudes que julga ficarem-lhe melhor.

Bondade, embora prejudicada por uma certa soberba.

N.º 87 — *Lalita* — Infantibilidade graciosa e franca.

Sensibilidade e indecisão manifestando-se sincera e claramente.

Vigor, vontade e bondade consciente e simpática.

N.º 88 — *Doentinha* — Este grafismo não indica lesão física de gravidade.

Dir-se-ia que maior doença é o seu sentimentalismo agudo a brotar impetuoso de uma imaginação fecunda e culta mas que uma morbidez assustadora por vezes invade...

Não! Doentinha, não está em perigo! Há-de restabelecer-se e ser feliz!

Enviar-me-há mais tarde as suas boas notícias provando-me que falei verdade.

Faço-lhe este pedido encarecidamente, escreva-me quando estiver completamente boa.

N.º 89 — *Dinha* — Constância, estabilidade de gostos e sentimentos.

Sensibilidade facilmente impressionável e simplicidade natural.

Temperamento encolerizável mas sem rancôr.

N.º 90 — *Mascotte* — Porto, — Espírito elevado já mais se prendendo com insignificâncias; sabendo colocar-se bem alto na sua «tôrre de marfim».

Orgulhosa? Um pouco... por que sabe o que vale...

Elegante, amando a harmonia das formas e das cores.

N.º 91 — *Liszt* — Sentimento de defeza talvez resultante de alguns ataques injustos de que tem sido vítima.

Espírito ativo e culto, sabendo impôr-se superior à maioria das pessoas com quem convive.

Sentimentalismo, emoção e falta de domínio pessoal.

N.º 92 — *Augusto* — Simplicidade relativa aliada a uma justa noção do belo e da harmonia geral. Precipitação ocasional. Benevolência e sinceridade.

N.º 93 — *Maria Isabel* — Pela análise de um qualquer grafismo sómente é possível obter o estado de espírito, as qualidades e defeitos do signatário. Não é, evidentemente, possível, adivinhar os seus movimentos futuros porque uma grafóloga não é uma Cartomante ou uma sonâmbula clarividente.

Pelo documento enviado, unicamente é possível dizer que o signatário é uma pessoa de carácter maleável, bastante orgulhoso e egoísta, possuindo uma vontade forte e um temperamento muito irritável e cheio de susceptibilidades.

Eis o meu conselho: mantenha a sua dignidade de mulher, sempre mais forte e superior a qualquer sentimento passional.

N.º 94 — *Première Française* — Intuição, idealidade, actividade física.

Carácter, de ordinário, inflexível, aliado não obstante a uma certa doçura de coração.

N.º 95 — *Cardori* — Simplicidade de trato e convicções.

Credulidade, sentimentalismo e vontade um pouco ambiciosa. Espírito anítico, curioso e de ideias pouco dilatadas, embora firmes.

N.º 96 — *Raula* — O documento será enviado para a Posta Restante, segunda-feira, 7 de Novembro.

O grafismo indica: bondade, fidelidade e afectividade.

Nervosismo reprimido, imaginação e desconfiança.

N.º 97 — *C. de Mendonça* — Porto, — Espírito observador, culto e activo. Disciplina mental, imaginação e fácil assimilação.

Orgulho intelectual e cólera ocasional.

N.º 98 — *Nuelina* — Sentimentalismo passional e impulsivo. Imaginação exaltada com ten-

AS SENHORAS

Cultura da estética do BUSTO por processos científicos de reconhecido êxito. **DESENVOLVIMENTO, E V. URECIMENTO, REDUÇÃO E EMBELEZAMENTO DOS SEIOS** Dissolução lenta e progressiva do tecido adiposo (GORDURAS) e desaparecimento por completo da elevação do ventre.

Centenares de Senhoras se confessam satisfeitas em face dos resultados obtidos. Informações para a provincia a quem mandar selo de um escudo para resposta em carta registrada ao

LABORATORIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

dências ao exagero. Vontade fraca e de fácil adaptação.

N.º 99 — *Lilita* — Actividade física e mental. Temperamento imaterial com exigências e caprichos característicos. Aspiraões, vontade tenaz e inquebrável e intelectualidade.

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reendereçarem estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS


GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



Dá ás crianças uma saúde de ferro
Alimento energético por excelência para
novos e velhos

A venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.ª
29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

Foi Cernuwiez que apresentou as desculpas de ambos, limitando-se Falkland a aprovar com a cabeça. Estavam de casaco e calça de montar, porque iam jogar ao «polo», a Buynkdéré. Entretanto, não tinham querido diferir por mais tempo o prazer de me conhecer.

— Lamentámos devêras a nossa ausência na DÍvida e na embaixada, outro dia, por ocasião da sua visita! Tínhamos ido caçar à Ásia.

Depois disto, silêncio.

A cortesia está satisfeita. Ambos mudos, encaram-me com a maior atenção. São dignos de nota os seus olhos: os de Falkland espantosa-mente fixos e quasi incolores, os de Cernuwiez vivos e verdes, como olhos de felino: devem luzir de noite...

Curiosas figuras, que tão singularmente se destacam sobre o grisalho elegante do pessoal da Carreira! Bastam os seus fatos de desporto para os classificar à parte. Teem, um e outro, ar de pessoas que não se prendem com a etiqueta e com os protocolos. Nisso se resume a sua analogia, pois difficilmente se encontram dois séres mais dessemelhantes. O Falkland pode ter uns quarenta anos, e tudo nêle corre a reforçar a impressão de pujança e de dureza, que à primeira vista se recebe da sua gigantesca estatura. A face larga como um fo-cinho, termina num queixo quadrado, vigoroso como uma queixada de mastim. O *fauteuil* onde o mandei sentar, é estreito para os seus rins, e as mãos, que aperta uma na outra, semelham-se a dois tornilhos. O Cernuwiez, pelo contrário, delgado como um florete, e agachado na cadeira como animal pronto animal pronto a saltar, parece tão frágil como flexível. O rosto de jovensinho, ornado de um longo bigode sedoso, faz-me pensar naquelas figuras de pagens que se vêem nos quadros florentinos. É gracioso, meigo e cínico. E se eu fôra mulher, desconfiaria dêle como do lume.

O silêncio prolonga-se. Meu Deus, eu não sou fácil de intimidar. Mas este dogma e este felino formam um conjunto tão estranho, que não sei que hei de dizer-lhes. Levanto-me, toco para o café turco, e torno a sentar-me. Durante estes três segundos, e sem que eu visse nem ouvisse — verdadeira prestidigitação — o pagem florentino apodera-se do meu Racine e folheia-o.

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

— Ah! Bajazet... bem me palpitava que o senhor era um literato...

Ah! Quebrou-se o encanto, e eu reprimo uma vontade furiosa de rir. Mas êle continua, e confesso que é menos imbecil o que vai dizendo agora:

— É preciso ser literato para saborear Racine... e literato do Ocidente, homem das velhas raças. Nós, Polacos, somos os Ocidentais do Oriente.

Ah! êle é Polaco. Compreendo agora melhor a sua flexibilidade de serpente, e aquele ar traído e meigo espalhado sobre todas as suas feições:

— Este Racine é o primeiro de todos os poetas. É o mais insinuante, o mais inquietante, o mais...

Completa o seu pensamento com um gesto em espiral. Eu escuto. Podia lá esperar por uma conferência sobre Racine, co'a breca!

— É o mais deliciosamente imoral, o que passa melhor a esponja sobre os pequenos horrores da vida, sobre os adultérios, os incestos, os assassinios, as traições, as ciladas... não é simpático é, para empregar o termo próprio, um... (e diz o termo próprio, que não me atrevo a escrever). Vive das mulheres, este sujeito. Sem a sua Roxana, êle, por si, pouco valeria. Ajunte-se a isto que, para cúmulo, é um... (o mesmo termo) porco: nem sequer tem a honestidade da profissão. Recusa pagar a sua... marmitta... em género. Pior ainda, não recusa perentoriamente, esquiva-se, hipocritamente, com falsos pretextos, e só prodigaliza boas palavras:

Peut-être, avec le temps, j'oserai davantage; Ne précipitons rien, et daignez commencer Par me mettre en état de vous remercier...

«Em resumo: passa para cá a «massa», e depois conversaremos talvez... — Hein? Que crápula! Buba de Montparnasse nunca faria isso».

Palavra, êle declama de cór, com o livro fechado. E declama bem, num tom preciso...

Atenção, agora entusiasma-se!

— Racine, senhor, é um fervoroso e um requintado, um homem como nós, um sangue-azul. A sua boa nobreza, senhor de Sévigné, dá-nos grande prazer, tanto a Falkland como a mim, porque as pessoas da nossa casta são raras nesta terra. Boa terra, aliás, interessante: muitos aventureiros, muitos tratantes. Mas não há relações possíveis. Eu chamo-me Cernuwiez, sabe; na minha família houve cinco reis.

Bela conclusão, e digna do exórdio. Aposto que Racine, primeiro que ninguém, ficaria azul. Mas já me tinha esquecido de *sir Archibald W. Falkland*, silencioso no seu *fauteuil*. Ora, às palavras nobreza, casta e rei, eis que o mudo fala:

— Sim, nós sentimos prazer com a sua vinda. Eu não sou como o príncipe: a poesia é cousa que não me interessa. Mas em assuntos de heráldica, sou entendido. No Transvaal, passava os meus serões de bivaque a reler o livro do vosso Nicolau Berey, conhece? É curioso. O senhor marquês usa esquartelado de negro e prata, eu sei. Eu, de prata com dois leopardos de sinopla, lampassados de vermelho. Sou dos Falkland da Escócia, do condado de Fife. Os homónimos de Orfordshire não são nossos parentes. Treze guerreiros do meu sangue caíram em Homildon, no ano de 1402, e Robert Bruce tinha um Falkland por porta-bandeira, na jornada de Bannockburn. Demais, foi no nosso castelo que morreu o rei Diogo V. A pesar de tudo, somos apenas baronetes e não lordes.

Fala em bom francês, mas devagar. Vê-se que

não é êle o orador da associação. Mas quando se trata de armorial, desata-se-lhe a língua. Anima-se e cora, com aquele rubor inglês, orgulhoso e insolente, que tão facilmente exaspera os nossos nervos de latinos. Cora, e as manchas que lhe cravam o rosto, assumem tons de tijolo.

...De modo que este possante animal de mãos de estrangulador, ocupa os seus ócios a reler o *Jeu de Blazon*, de messire Nicolau Berey, arauto...

— Viveu no Transvaal, *sir Archibald*?
— Não vivi. Apenas acompanhei o «raid» Jameson. Ainda bem! Salteador de estradas, este mister completa-o.

E termina desta maneira:
— Gosto de caçar. Aqui o príncipe e eu, caçamos o javali e o urso, nas propriedades de Abraham-paxá e na floresta de Alemdagh.

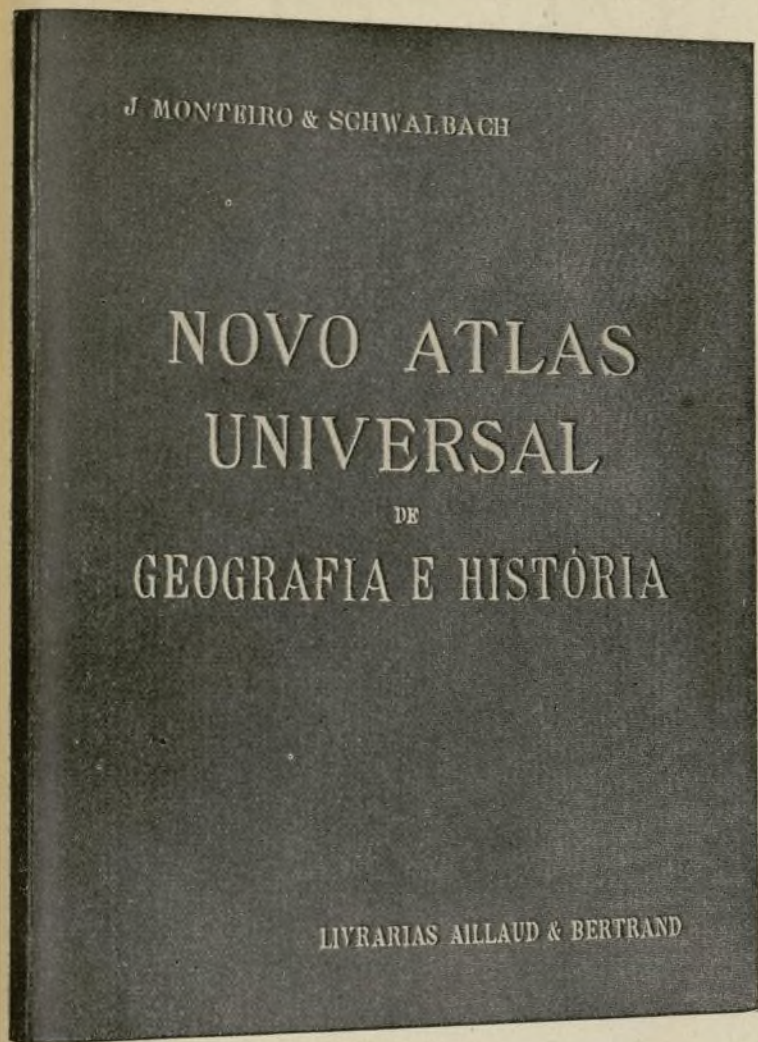
Parece querer concluir que esta caça não vale a outra, a de Jameson, a caça ao Boer. Suspeito que a sua vocação o puxava para a pirataria. Se eu o interrogasse? Mas já não é tempo; levantam-se. Fala o polaco:

— É a hora do polo. Desculpe-nos. Até breve, meu caro senhor: tornaremos a falar de Racine.

(Continua)



FOTO-
GRAVADORES
BERTRAND
IRMAOS. L.ª
T. DA CONDESSA DO RIO 27
TEL. T. 96



O NOVO ATLAS UNIVERSAL

DE

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

POR

J. MONTEIRO E L. SCHWALBACH

131 MAPAS

O mais completo e barato de todos os Atlas nacionais e estrangeiros, indispensável a todos que se dedicam a assuntos geograficos e historicos, possuindo incontestavel valor:

- a) *PARA OS ENGENHEIROS, COMERCIANTES AGRICULTORES E INDUSTRIAIS:*
(Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal: Portugal agricola, geológico e mineiro; Planisfério com estações radiotelegraficas.)
- b) *PARA OS CARTÓGRAFOS:*
(Teoria das projecções mais usadas em geografia.)
- c) *PARA OS FILOLOGOS:*
(Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)
- d) *PARA OS COLONIAIS:*
(Numerosos mapas das colónias portuguesas.)

Pela primeira vez aparecem os mapas relativos ás conquistas portuguesas em Marrocos, (sob a direcção do Dr. David Lopes) e as grandes regiões e sistemas de montanhas da Peninsula Iberica. No mapa politico de Portugal já figura o novo distrito de Setúbal

PREÇO: 50\$00 ESCUDOS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TÁTÁ
CHAPELIER EN VOGUE

632
CENTRAL
TELEPHONE



CURSO DE
DESENHO
POR CORRESPONDENCIA

As nossas leitoras vão ter a oportunidade de aprender a desenhar. Vai ser inaugurado em Portugal o primeiro Curso de Desenho por Correspondência. Inaugura-o a Casa Bertrand através do seu «Magazine». Ali progressivamente podem as nossas leitoras aproveitar as suas faculdades artísticas e juntar aos seus predilectos mais este — a hoje tão útil Arte do Desenho. Secção especial de Arte Aplicada Feminina sob o patrocínio da «Voga».

No próximo número do «Magazine Bertrand» serão indicadas as condições de admissão.

DOCES E COSINHADOS

Receitas escolhidas
por IBALITA

Um volume encadernado
com 351 paginas

Escudos 25\$00

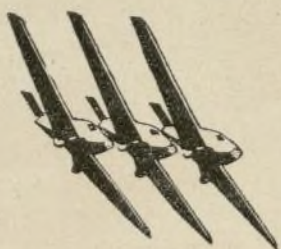
LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

"VOGA" oferece ocupação, que poderá ser rendosa, a senhoras que possam dispor de algum tempo. Dirigirem-se á sua Directora. Rua Anchieta, 52

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA}
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



S. A. P. Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.^a
:: AVENIDA DA LIBERDADE, 3
Serviço aéreo entre LISBOA - MADRID
com aviões JUNKER'S completamente metalicos

Para Madrid: (3.^a feira) 10,30 horas
(4.^a feira) 10,30 horas
(Sabado)

Avião: 4 horas

Comboio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como á sede da Companhia.

VOGA

atendeudo um pedido de muitas das suas leitoras publicará
brevemente músicas de autores escolhidos

Para sermos felizes basta-nos



Amor, uma cabana e o
MAGAZINE
BERTRAND

LÓGICA... DE PÊSO

SEGUNDO um preceito de Lógica, nada nada existe que seja absoluto — excepto a relatividade. Só a relatividade predomina absoluta sobre todas as coisas. Vejamos, pois, um pouco dessa relatividade.

Consideremos um simples dedal, cujo conteúdo dividiremos em 2.000 partes. Tome-se uma dessas partes, e admitindo que esse conteúdo seja o radium, tem-se que essa minúscula parte vale nada menos que uns oitocentos e cinquenta mil réis, aproximadamente. Por conseguinte, um dedal que se encontre cheio de radium valerá dezesete mil contos!

E porquê? Porque, para se poder conseguir apenas uma milésima parte de um dedal cheio de radium, teríamos que tratar quimicamente para mais de quinhentas mil toneladas de carnotite, com mais de quinhentos preparados diferentes. Teríamos de usar mil toneladas de carvão e dez mil de água, num processo que ocuparia cento e cinquenta homens, durante um mês inteiro. E tudo isso para alcançar a produção de uma simples partícula daquelas 2.000 partes, todo o conteúdo de um dedal.

Eis porque não deve ninguém admirar-se de que Paulina Starke, a formosíssima «vedeta» aqui reproduzida hoje, apesar do seu peso ser minúsculo, pois não ultrapassa uns 50 quilos, seja uma «vedeta» de peso, não só pelo lado dos seus fabulosos honorários, como também porque é uma das artistas mais completas do écran mundial. Relatividades...

«The Bugle Call» será a próxima produção com Jackis Goo-gan, para a Metro-Goldwyn-Mayer, dirigida por Edward Sedgwick. É um

episódio cómico-dramático, uma paródia de certo incidente da história americana durante a guerra com os índios, nos tempos do presidente Grant. Farão parte também do «elenco», Claire Windsor, Tom O'Brien, Bodil Rosing, Harry Todd, Johnnie Mack Brown, Sven Borg, Mary Jane Irving e outros.

Lloyd Hamilton, o aplaudido artista da Metro, casou-se recentemente com Irene Dalton. Hamilton estava represen-

tando um papel, para cujo desempenho se tornava necessário aparecer com uma verdadeira barba, e ao tempo do casamento, a

barba já tinha o tamanho referente a uma semana. Miss Dalton, após a lua de mel, teve a surpresa de ser cumprimentada pela sua extraordinária beleza de rosto... em que apenas se notava o defeito de evidentes marcas de arranhões.

* *

Uma nova «estrela» suéca acaba de ser adicionada às fileiras do cinema: Mona Martinson. Os escandinavos têm umas peculiares qualidades que sempre os torna bem-vindos ao cinema. Entre os directores, notam-se Benjamin Christenson e Victor Seastrom, e entre os artistas, Greta Garbo, Karl Dane e Lars Hanson. Todos esses elementos já têm sido consagrados por todos os públicos.

* *

A Metro-Goldwyn é uma das grandes companhias cinematográficas que está a prestar apreciável encorajamento à aviação comercial. Como exemplo basta citar o caso do «Leo», famoso leão dos seus studios, que há poucos dias fez a sua primeira viagem aerea, como carga animal, de Hollywood a Nova York. Sendo o leão o rei dos animais, nada mais natural que à sua magestade fosse dada a preferência nessa viagem inaugural.

* *

No concurso que o «Daily News» de Nova York, promove actualmente a fim de apurar o artista preferido do público, John Gilbert, da Metro-Goldwyn-Mayer permanece em primeiro lugar, com cerca de três mil votos de maioria.

* *

Ward Crane, o apreciado galã da First National, que aparece com Corinne Griffith em «A Dama em Armínhos», antes de entrar para o cinema ocupou o lugar de secretário particular do governador William Sulzer, do Estado de Nova York.

